

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Viajar para saber: a sabedoria prudente em *A montanha mágica* e a sabedoria cética em *El viaje vertical*

Travelling to know: the prudent wisdom in The magic mountain and the skeptical wisdom in El viaje vertical

Daniela Kern¹

Havia entre eles uma espécie de senso do dever, além daquela ausência de responsabilidade, peculiar às férias de um viajero e visitante, que não se fecha a nenhuma impressão e deixa as coisas se aproximarem, na certeza de que amanhã ou depois abrirá as asas e voltará à ordem habitual.

(Thomas Mann, *A montanha mágica*)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar, mediante o recurso aos conceitos de sabedoria prudente e de sabedoria cética propostos por Harold Bloom, o modo como as personagens Hans Castorp, de *A montanha mágica*, de Thomas Mann, e Federico Mayol, de *El viaje vertical*, de Enrique Vila-Matas, demonstram, em seus percursos pessoais, respectivamente, esses dois tipos de sabedoria. O contexto especial em que os diferentes perfis de sabedoria são acionados é aquele da viagem e as decorrentes situações de quebra de rotina: Hans Castorp depara-se com uma série de dilemas morais durante sua passagem por uma casa de saúde em Davos-Platz, nos Alpes suíços, dilemas ocasionados pelo conflito entre as diretrizes de vida adotadas na planície e aquelas adotadas na montanha, enquanto o catalão Federico Mayol exerce seu profundo ceticismo ao longo do inusitado roteiro de sua “viagem vertical”, que passa por Barcelona, pela cidade do Porto, por Lisboa e, enfim, pela Ilha da Madeira. A relação entre as práticas da sabedoria prudente e da sabedoria cética por parte, respectivamente, de Castorp e Mayol será também relacionada, no presente trabalho, com os diferentes perfis de bagagem cultural adquirida durante as viagens realizadas por ambas as personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de viagem; Literatura sapiencial; *A montanha mágica*; *El viaje vertical*.

ABSTRACT: This article aims to analyze, using the concepts of prudent wisdom and skeptical wisdom proposed by Harold Bloom, the way the characters Hans Castorp of Thomas Mann's *The Magic Mountain* and Federico Mayol, Enrique Vila-Matas's *El viaje vertical*, respectively show in their personal paths these two kinds of wisdom. The special context in which the different profiles of wisdom are triggered is one of the trip and the resulting routine break situations: Hans Castorp faced a series of moral dilemmas during his visit to a sanatorium in Davos-Platz, in the Swiss Alps, dilemmas caused by the conflict between the guidelines adopted the life in the plains and those on the mountain, while the Catalan Federico Mayol exerts his deep skepticism over the unusual route of his "vertical trip," which goes through Barcelona, the city of Porto, Lisbon, and finally Madeira Island. The relationship between the practices of prudent wisdom and skeptical wisdom by, respectively, Castorp and

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e do Departamento de Artes Visuais/IA/UFRGS, e-mail: daniela.kern@ufrgs.br

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Mayol is also related, in the present article, with different profiles of cultural background acquired during the trips taken by both characters.

KEYWORDS: Travel literature; Wisdom literature; *The magic mountain*; *El viaje vertical*.

Viagem significa quebra de rotina. E os motivos que podem levar uma pessoa a aceitar a quebra de sua rotina são os mais variados: necessidade de descanso, insatisfação espiritual com relação à própria vida, curiosidade intelectual a respeito de culturas diversas da sua. Claro que nem sempre é fácil se dispor a quebrar essa rotina. Alterações de rotina são alterações de horários, e nunca estivemos tão presos a eles, como bem observa o historiador G. J. Whitrow:

O que distingue particularmente o homem da sociedade contemporânea de seus antepassados é que ele adquiriu crescente consciência do tempo. Assim que acordamos, pensamos em geral em que horas serão. Ao longo de nossa rotina diária estamos continuamente preocupados com o tempo e não cessamos de consultar nossos relógios. Em outras épocas, a maioria das pessoas trabalhava arduamente, mas se preocupava menos com o tempo do que nós. Até o advento da moderna civilização industrial, a vida das pessoas era muito menos conscientemente dominada pelo tempo do que passou a ser desde então. (WHITROW, 1993, p. 31).

De todo modo, a vida é feita de transtornos, de lances imprevisíveis e, por vezes, incontornáveis. Ou seja, às vezes, mesmo contra nossa vontade e contra nosso apego aos relógios e aos hábitos solidamente estabelecidos, viajamos.

As viagens, como grandes perturbadoras de rotinas, quer sejam empreendidas por nós de livre e espontânea vontade, quer sejam opções inevitáveis, eventualmente acabam por forçar-nos a dar novo destino a nosso tempo (excluídas as viagens de negócios, naquelas de lazer o tão precioso tempo livre costuma ser um item abundante), obrigam-nos a reconsiderar nosso modo de ocupá-lo. Em alguns casos, uma surpresa nos espera: o excesso de tempo ocioso faz com que olhemos para dentro, ao invés de para fora, impele-nos a escutar a nossa própria voz e cala a voz do mundo. Muitas viagens representam um enfático convite à autorreflexão e transformam-se em um verdadeiro ponto de partida para a busca daquilo que costumamos chamar de sabedoria. A muitos escritores esse fato não passou despercebido.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Logo, são inúmeras as obras literárias nas quais as transformações no pensamento e na ação das personagens é desencadeada por uma viagem em busca de um conhecimento complementar, de um conhecimento que preencha vazios existenciais ou que atenda à necessidade de comunhão com determinadas esferas metafísicas da existência. Viagem empreendida e revolução interior encerrada, a sabedoria obtida pode variar infinitamente em natureza e profundidade. Aqui nos limitaremos a comentar, no decorrer deste artigo, dois tipos específicos de sabedoria mencionados por Harold Bloom (2004) em *Where shall wisdom be found?*, quais sejam, a prudente e a cética. Como detentor da primeira acompanharemos, a partir de agora, o jovem Hans Castorp, o protagonista de *A montanha mágica*, de Thomas Mann, e como detentor da segunda, o velho Mayol, que por sua vez protagoniza *El viaje vertical*, de Enrique Vila-Matas.

A sabedoria prudente de Hans Castorp

O jovem engenheiro Hans Castorp queria viajar. Estava um tanto estressado e julgou que três semanas respirando o ar frio das montanhas de Davos-Platz, na Suíça, poderiam recuperá-lo. Além disso, faria, assim, companhia ao primo Joachim Ziemsem, internado no Sanatório Behghof para tratar-se da tuberculose. O poder transformador das viagens é logo evocado pelo narrador do romance, que antecipa as consequências dessa mudança de ares na vida de Castorp:

Dois dias de viagem apartam um homem – e especialmente um jovem que ainda não criou raízes firmes na vida – do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e projetos; apartam-no muito mais do que esse jovem imaginava, enquanto um fiacre o levava à estação. O espaço que, girando e fugindo, se roja de permeio entre ele e seu lugar de origem, revela forças que geralmente se julgam privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda. Tal qual o tempo, o espaço gera o olvido; porém o faz, desligando o indivíduo das suas relações e pondo-o num estado livre, primitivo; chega até mesmo a transformar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de vagabundo. (MANN, 1980, p. 12).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

A síntese da transformação vindoura encontra-se expressa nessa última frase: de burguesote a vagabundo. É exatamente essa a metamorfose que Hans Castorp sofrerá. “Burguesote” é um modo irônico de evocar sua existência anterior, na planície. De família rica, Hans Castorp parecia bem adaptado à vida que levava, concentrada na satisfação dos sentidos:

Pois era justamente neste ponto que Hans Castorp representava um produto genuíno da sua terra: gostava de viver bem, e apesar da sua aparência anêmica e refinada, agarrava-se com fervor e firmeza, qual um lactente deliciado pelos seios da mãe, aos prazeres físicos que a vida lhe oferecia (MANN, 1980, p. 40-41).

Salientemos que o narrador, contudo, não está empenhado em traçar um quadro negativo de Castorp. Não é meramente como “burguesote” que pretende apresentá-lo ao leitor. Suas intenções, como deixará claro no trecho seguinte, são bem outras:

Como se vê, empenhamo-nos em anotar tudo quanto possa prevenir o espírito do leitor a favor de Hans Castorp. Mas julgamo-lo sem exagero, e não o apresentamos nem melhor nem pior do que era. Hans Castorp não era nem um gênio nem um imbecil, e a razão de evitarmos, para sua qualificação, o termo “mediocre”, reside em circunstâncias que nada têm que ver com sua inteligência e quase nada com a sua singela personalidade; fazemo-lo devido ao respeito que temos pelo seu destino, ao qual nos sentimos inclinados a atribuir certa significação ultra-individual. (MANN, 1980, p. 40-41).

Esse narrador, ainda que não seja completamente confiável (Hans Castorp irá assumir uma dimensão muito maior do que trechos como o recém-mencionado permitem prever), não mente quando dá a entender que não irá transformar Castorp em alvo para nossas chacotas ou em contraexemplo. Hans Castorp será tanto o indivíduo visto de muito, muito perto, idiossincrático, inconfundível, único, quanto um tipo, o jovem alemão que vive a realidade anterior à I Grande Guerra.

Instalado no Sanatório, Castorp estranha tudo: as lutas refeições, o comportamento leviano dos outros doentes, o ar, o cinismo dos médicos, o modo como todos se enrolam com o cobertor nos dias de muito frio. Castorp não se sente bem, passa a ter febre, pega uma forte gripe e ,ao mesmo tempo, apaixona-se por Clawdia Chauchat, uma pensionista russa que, no

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

começo, mal toma conhecimento de sua existência. O estilo de vida alpino, no entanto, enreda-o, e a descoberta da liberdade de fazer e, sobretudo, pensar o que lhe aprouvesse, associados à descoberta de que seus problemas de saúde são um pouco mais graves do que ele, Castorp, imaginava, transformam sua estadia inicial de três semanas no sanatório Berghof em uma longa permanência de sete anos.

Castorp, no início de sua estadia, adotava como suas, sem maiores questionamentos, teorias sobre os mais variados assuntos, que ouvia tanto do corpo médico do sanatório quanto do humanista Settembrini, pensionista italiano que tomou o rapaz como pupilo. Era, assim, receptivo, que Castorp ouvia Settembrini definir-se como representante do “Classicismo contra o Romantismo”. (MANN, 1980, p. 279). A teoria defendida por Settembrini é sintetizada pelo narrador:

Segundo as digressões de Settembrini, havia dois princípios que disputavam a posse do mundo: a força e o direito, a tirania e a liberdade, a superstição e a ciência, o princípio da estagnação e o do movimento efervescente, do progresso. Podia-se chamar a um o princípio asiático e ao outro o europeu, visto ser a Europa a terra da rebelião, da crítica e da atividade transformadora, ao passo que o continente oriental encarnava a imobilidade, o repouso inerte. Não existia a menor dúvida quanto à questão de saber qual das duas forças terminaria por triunfar; só poderia ser a da luz, a do aperfeiçoamento guiado pela razão. Pois a Humanidade arrastava mais e mais povos pelo seu caminho brilhante; ganhava cada vez mais terreno na própria Europa e estava a ponto de penetrar na Ásia. No entanto, faltava ainda muito para que a sua vitória fosse completa, e grandes, magnânicos esforços eram exigidos dos homens de boa vontade, dos que haviam recebido a luz, até que raiasse o dia em que desmoronassem as monarquias e as religiões também naqueles países que na verdade nunca tinham gozado o seu século XVIII nem seu ano de 1789. (MANN, 1980, p. 178).

Settembrini, como se vê, apresenta os sistemas de pensamento europeu e asiático como opostos e irreconciliáveis. Não só os apresenta mas também advoga a superioridade de um deles, como deixa evidente quando afirma que “cabem ao homem ocidental a razão, a análise, a ação e o progresso, não a cama onde se espreguiça o monge”. (MANN, 1980, p. 420). Para ele, a busca exterior empreendida pelo homem de ação ocidental vale mais do que a busca interior característica do monge oriental. Hans Castorp escuta as posições de seu tutor, sobre elas reflete longamente, e essa reflexão faz com que sua passividade intelectual,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

como veremos, seja aos poucos revertida. O primeiro passo para que essa reversão aconteça é admitir para si próprio a existência de tal passividade: “Eu mesmo deveria, talvez, formar com mais freqüência uma opinião própria, em vez de aceitar as coisas como se apresentam”. (MANN, 1980, p. 197-198). O passo seguinte é posicionar-se diante do que Settembrini fala: “[...] e todavia a sua receptibilidade intelectual se refinara de tal modo, que era capaz de formar uma opinião acerca das palavras do italiano e negar-lhes, pelo menos até certo ponto, a sua aprovação”. (MANN, 1980, p. 249).

Castorp passa a posicionar-se criticamente não apenas por perceber, com clareza cada vez maior, as inconsistências do sistema de ideias proposto por Settembrini, como também por não se identificar com o ideal de homem ocidental tal qual pintado pelo humanista italiano. Vejamos, por exemplo, a crítica de Castorp à atitude livre (a que condiz ao homem ocidental, de acordo com o esquema de Settembrini) propugnada pelo italiano:

Há duas atitudes: a livre e a piedosa. Ambas têm as suas vantagens, mas o que me faz antipatizar com a atitude livre, quero dizer, a de Settembrini, é que ela pretende ter o monopólio da dignidade. Isso é exagerado. A outra atitude encerra também, a seu modo, muita dignidade humana e resulta num vasto conjunto de decência, de procedimento correto e de cerimonial, muito mais do que a atitude livre, embora vise especialmente à fraqueza e à instabilidade dos homens e nela desempenhe um papel importante o papel da morte e da decomposição. (MANN, 1980, p. 329).

Enquanto Settembrini adota uma postura agonística (sua posição, sob esse ponto de vista, é a única correta e a adversária, completamente equivocada), Castorp impõe seu perspectivismo: atitudes livre e piedosa têm ambas seus pontos fortes e fracos. Se a atitude livre, que canta as belezas da vida, disso tira muito de sua força, a atitude piedosa tampouco enfraquece, ao atribuir importância ao papel da morte na existência humana, em vez de procurar ignorá-la e evitá-la. O Ocidente “livre”, para Settembrini, deve esquecer que a morte existe. Castorp, ainda que seja ocidental, perdeu os pais muito cedo, viu a morte de perto e encontrou maneiras de relacionar-se com ela e de respeitá-la, logo, não aceita a posição completamente solar do italiano.

Além disso, convém ressaltar que Castorp formou-se no mundo ativo da planície, o espaço ideal para o homem do ocidente, conforme Settembrini, mas é na reflexiva montanha

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

que floresce espiritual e intelectualmente. Mais para monge do que para homem do mundo, Castorp, nas montanhas, exercita suas virtudes, pois a virtude é, na definição de Tomás de Aquino, “uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício tende a tornar-nos capazes de conseguir os bens interiores”. (MARQUES, 2000, p. 94). O exercício da virtude, ainda de acordo com Tomás de Aquino, na *Summa contra gentiles*, pressupõe a aceitação de que “*o intelecto é melhor do que a razão*” (AQUINAS, 2002, p. 221). E, realmente, a relação de Castorp com o mundo dos sentidos, tão intensa na planície, sofre prejuízos notáveis nos alpes. Indício disso é o fato de que o sabor de seu charuto predileto, o Maria, tem nos alpes sabor diferente daquele que Castorp costumava experimentar na planície. Castorp, apaixonado por charutos, não entende nem aceita o “gosto de papel mascado” (MANN, 1980) que o Maria passa a apresentar. O empenho com que Castorp se lança à aquisição de conhecimento, por outro lado, simboliza o crescente valor atribuído ao mundo do intelecto e das ideias. Castorp, nos alpes, passa a estudar muito, com o auxílio dos variados livros que comprou:

Tratava-se de livros de anatomia, fisiologia, biologia, redigidos em vários idiomas – alemão, francês, inglês – e que lhe tinham sido remetidos um belo dia pelo livreiro do lugar, evidentemente porque Hans Castorp os encomendara por sua própria iniciativa e clandestinamente. (MANN, 1980, p. 306).

As leituras exaustivas e a observação de coisas que antes lhe passavam despercebidas (caso dos astros) são o alimento de que Castorp precisa para construir a sua própria teoria, o seu próprio entendimento sobre o que seja, por exemplo, a vida:

Que era, então, a vida? Era calor, o calor produzido pela instabilidade preservadora da forma; era uma febre da matéria, que acompanhava o processo de incessante decomposição e reconstituição de moléculas de albumina, insubsistentes pela complicação e pela engenhosidade de sua estrutura. [...]. Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda d'água, e igual à chama. (MANN, 1980, p. 309).

Ou para que reflita sobre o transcorrer do tempo na terra:

De noite, Hans Castorp contemplava os astros. Apossara-se dele o interesse pelo transcurso do ano, posto que já tivesse assistido na terra a mais de vinte voltas em torno do sol, sem nunca se importar com essas coisas. Se nós mesmos involuntariamente nos servimos de termos como "equinócio da primavera", fazemo-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

lo em conformidade com a maneira de pensar do nosso herói, levando em conta as suas ocupações presentes. Pois, dessa espécie eram os termini que nos últimos tempos ele gostava de empregar, novamente pasmando o primo pelos seus conhecimentos especializados. (MANN, 1980, p. 412).

Se Castorp na planície ocupava sua mente apenas com especulações sobre situações particulares (como o prazer que um bom charuto poderia lhe proporcionar), nas montanhas sua atenção se volta para a observação de constantes universais tocantes à teoria da vida e ao comportamento humano. Extrair de situações particulares características universais, com amparo nas teorias que constrói a partir de muitas horas de reflexão e estudo, configura o exercício daquela virtude que Tomás de Aquino, segundo Alasdair MacIntyre, denomina de “prudência”:

Central to that progress is the exercise of the virtue of prudentia, the virtue of being able in particular situations to bring to bear the relevant universals and to act so that the universal is embodied in the particular. That virtue is acquired through experience, the experience of judging in respect of how and in what ways the universal has been or is to be embodied in the particular and of learning how to learn from these experiences.(MacINTYRE, 1990, p. 139).²

A sabedoria de Castorp, assim, tem parentesco com aquela expressa nos Provérbios da Bíblia, livro cuja sabedoria, por sua vez, é para Harold Bloom justamente uma sabedoria prudente. Castorp, que nas montanhas encontra-se diante do desejo de compreender e explicar para si mesmo o mundo, examina, com atenção, as diferentes situações com as quais se depara e orienta sua ação pelas conclusões a que chega após ponderar cuidadosamente os diversos fatores envolvidos em cada uma delas. Extrai o geral do particular e não se deixa guiar nem por atitudes prontas nem, muito menos, por preconceitos, o que equivale, em outras palavras, a agir com prudência.

É o que acontece na prática quando Castorp é confrontado com o modo como todos (dos médicos aos pacientes) tratam os moribundos no sanatório: “Vivemos aqui lado a lado

² “Central para o progresso é o exercício da virtude da prudência, a virtude de estar apto em situações particulares a trazer à tona os universais relevantes e de agir de modo que esses universais sejam incorporados no particular. Essa virtude é adquirida através da experiência, a experiência de julgar a respeito de como e de que maneiras o universal foi ou deve ser incorporado no particular e de aprender de que modo aprender a partir dessas experiências”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

com pessoas agonizantes e com o mais grave sofrimento e martírio, mas essa gente não só se comporta como se nada tivesse que ver com isso, mas também é protegida e abrigada contra o mínimo contacto com essas coisas e contra o seu aspecto”. (MANN, 1980, p. 330). Sem aceitar esse tipo de comportamento, Castorp decide consolar os doentes terminais e suas famílias com visitas, pequenos mimos e palavras de apoio. Isto é, ainda que Castorp saiba que em Berghof os moribundos são ignorados, considera que receber consolo na hora da morte é um direito universal das pessoas, e toda a sua ação é guiada por essa crença.

O aumento dessa sabedoria prudente de Hans Castorp é percebida por seu primo Joachim, que, certo dia, lhe fala o seguinte:

- Ora, rapaz, você torna-se cada vez mais inteligente aqui em cima, com a sua biologia e botânica e com os seus pontos de inflexão inevitáveis. E desde o primeiro dia se preocupou com o “Tempo”. Mas me parece que estamos aqui para ficar mais sadios e não mais sábios; mais sadios e completamente sãos, até que enfim nos devolvam a liberdade e nos enviem à planície como curados. (MANN, 1980, p. 430).

Joachim reconhece a sabedoria do primo mas, ao mesmo tempo, considera que o sanatório não é o lugar correto para aprimorá-la. Dentro do sanatório, trata-se de concentrar esforços na recuperação da saúde física, e não da espiritual. Castorp, novamente orientado por suas cada vez mais complexas reflexões, recusa esse dualismo alegado pelo primo nos seguintes termos:

-Você diz, na verdade, que estamos aqui não para nos tornar mais inteligentes, mas para melhorar de saúde. Mas, meu caro, acho que deve ser possível combinar essas duas coisas. Caso contrário, você chegaria a dividir o mundo, e isso não pode dar certo. (MANN, 1980, p. 430-431).

Prudentemente Castorp transforma, outra vez, suas percepções particulares em hipóteses universais: o que observou não o leva a acreditar que a saúde do corpo nada tenha a ver com a do espírito. Ainda que, na prática, suas atenções, no sanatório, voltem-se mais para a aquisição de conhecimento do que para a recuperação da saúde, para Castorp, em teoria, a unidade corpo-espírito permanece assegurada: é possível conhecer mais e, ao mesmo tempo,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

ficar mais saudável. Esse “monismo”, contudo, não chegará aos extremos daquele defendido por outra das personagens centrais do romance, o jesuíta de origem judaica Naphta, que se envolve em eternas discussões com Settembrini. A teoria do conhecimento defendida por Naphta encontra-se resumida neste trecho:

-Meu amigo, não existe conhecimento puro. É indiscutível a legitimidade da concepção eclesiástica da ciência, que se pode resumir nas palavras de Santo Agostinho: “Creio para que possa conhecer”. A fé é o órgão do conhecimento, e o intelecto é secundário. A sua ciência incondicional não passa de um mito. Há sempre uma fé, um conceito do mundo, uma idéia, numa palavra: uma vontade, e cabe à razão explicá-la e comprová-la. (MANN, 1980, p. 442).

Para Naphta, religioso e marxista, o verdadeiro conhecimento não pode ser obtido a não ser através da fé, pois não é terreno e diz respeito ao plano metafísico, à essência divina, em conflito gritante com a filosofia humanista de Settembrini, que tanto valor atribui à existência terrena do homem. Para Naphta o intelecto não é superior ao corpo, logo não há dualismo, e ambos, corpo e alma, pouco significam diante da grandeza metafísica de Deus.

Castorp, após ouvir muitos debates entre esses dois intelectuais, mais uma vez exerce sua sabedoria prudente ao concluir a partir do que concretamente observa. Ainda que ambos digam que suas posições são opostas, na prática, o que Castorp percebe é que, em diversos momentos, a suposta “pureza” dessas posições é posta em xeque:

Dessa contenda, entretanto, não resultou nem clareza nem ordem, nem sequer de caráter dualista e militante. Pois as posições não somente eram opostas, como também se confundiam. Os adversários, ao invés de se limitar a combater-se reciprocamente, amiúde se contradiziam a si próprios. Settembrini muitas vezes dera vivas retóricos à “crítica”, e sem embargo punha-se agora a reivindicar as honras do princípio nobre para o contrário dela, que, segundo ele, era a “arte”. Em outras ocasiões, Naphta surgira mais de uma vez como defensor do “instinto natural”, perante Settembrini que tratara a natureza de “potência estúpida”, de mero “fato e fado”, diante dos quais a razão e o orgulho do homem não tinham direito de abdicar. (MANN, 1980, p. 517).

Um quarto ponto de vista, distinto daquele de Settembrini, Naphta e do próprio Castorp, é encarnado ao final do romance pelo rico e carismático holandês Mynheer Peeperkorn. Sem os dons oratórios e a articulação intelectual de Settembrini e Naphta,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Peeperkorn, por outro lado, é dionisíaco, dramático e desfruta intensamente dos prazeres sensoriais oferecidos pelo mundo, fascinando, com tanta energia vital, aqueles que estão à sua volta:

Não dissera nada, mas a majestade da sua cabeça parecia tão indiscutível, o jogo de fisionomia e a gesticulação eram de tal modo enérgicos, imponentes, expressivos, que todos, inclusive Hans Castorp, empenhado em escutar, criam ter ouvido algo de grande peso, ou, se é que se davam conta de que o discurso carecia por completo de conteúdo e de coerência, não se ressentiam dessa falta. (MANN, 1980, p. 613).

Thomas Mann, em *A montanha mágica*, criou personagens que representam os quatro principais pontos de vista encontráveis no pensamento filosófico. Adotando a teoria do filósofo americano Walter Watson (1993), exposta em *The architectonics of meaning*, podemos associar Peeperkorn à perspectiva pessoal, para a qual nada existe a não ser o ponto de vista subjetivo de cada um. É a ele que se resume toda a realidade, pensamento subjacente a máximas populares como “viva cada dia como se fosse o último”, pois nada mais há que justifique a vida a não ser os concretos desejos físicos do corpo, que devem ser constantemente satisfeitos.

Settembrini, a seu tempo, é um expoente da perspectiva disciplinar, à medida em que não acredita na existência de um ponto de vista último que encerre o conhecimento absoluto sobre todas as coisas e em que defende a importância das diferentes disciplinas científicas na ampliação de nossa compreensão da realidade, ele mesmo engajando-se em um projeto disciplinar ao aceitar escrever verbetes para uma grande enciclopédia internacional.

Naphta representa a perspectiva diafânica, a qual assevera que há um ponto de vista dominante ao qual todos os outros se subordinam. Essa perspectiva revelatória (apenas escolhidos ou iniciados têm acesso ao ponto de vista superior) é claramente religiosa, e, ao contrário da perspectiva pessoal, por esvaziar de valor a vida humana na terra, pode servir de base para toda a sorte de ascetismo.

O prudente Castorp observa e constata as especificidades desses tipos intelectuais que o autor coloca em seu caminho e, ao mesmo tempo, encarna ele mesmo uma dimensão

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

tipológica de pensamento. Lembremos que no início do romance o narrador já havia nos chamado a atenção para a dimensão ultrapessoal da vida de Castorp:

O homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconscientemente participa também da vida da sua época e dos seus contemporâneos. Até mesmo uma pessoa inclinada a julgar absolutas e naturais as bases gerais e ultrapessoais da sua existência, e que da idéia de criticá-las permaneça tão distante quanto o bom Hans Castorp – até uma pessoa assim pode facilmente sentir o seu bem-estar moral um tanto diminuído pelos defeitos inerentes a essas bases. (MANN, 1980, p. 42).

O tipo de pensamento característico de Castorp, ainda tomando de empréstimo as categorias elaboradas por Watson, enquadra-se na perspectiva objetiva, aquela que procura ver as coisas de maneira impessoal, isenta de preconceitos. Castorp não impõe ideias prontas aos fatos que analisa; antes, elabora suas conclusões com base no que observa, pouco importando se elas contrariam ou não o senso comum ou as explicações habituais.

No alto das montanhas, no decorrer dos sete anos em que lá permanece, Hans Castorp aprende a identificar todas essas variadas correntes de pensamento e também a perceber suas contradições internas. Além disso, torna-se capaz de elaborar suas próprias teorias sobre o mundo e de defendê-las por meio de argumentação consistente e concatenada:

Nos últimos tempos, Hans Castorp já não se atrapalhava nem perdia o fio ao fazer explanações desse gênero. Deixara de estacar no meio do discurso. Chegava até o fim da sua réplica, baixava a voz, punha um ponto final e seguia o seu caminho como um homem, se bem que ainda se ruborizasse ao falar e tivesse, no fundo do coração, um pouco de medo do silêncio crítico que se seguiria quando emudecesse, a fim de lhe dar o tempo necessário para se envergonhar. (MANN, 1980, p. 651).

Hans Castorp, em outras palavras, amadurece. Ele adquire a sabedoria que, como já destacamos, caracteriza-se pela prudência, através do que Harold Bloom chama de “cultivo do desenvolvimento pessoal”:

Hans Castorp é extremamente valioso [...] por encarnar um ideal hoje arcaico, mas sempre relevante: o cultivo do desenvolvimento pessoal, de modo a possibilitar a completa realização do potencial do indivíduo. A avidez de confrontar idéias e personalidades está aliada, em Hans, a uma notável energia espiritual; jamais meramente cético, ele, tampouco, se deixa arrebatar [...]. A eloquência humanística de Settembrini, as exortações terroristas de Naphta, o balbuciar dionisíaco de Peepkorn inundam Castorp, mas jamais o afogam. (BLOOM, 2001, p. 184-185).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

É certo que Hans Castorp não viajou com a intenção de se instruir, ou amadurecer, ou ficar mais sábio. Harold Bloom vai mais longe dizendo que a questão da busca de algo (sabedoria, no caso) nem mesmo chega a estar presente no romance: “Ainda que Mann veja Castorp como um indivíduo em busca de algo, não considero crucial ao protagonista do romance a questão da busca. Castorp não busca um objeto sagrado, nem um ideal”. (BLOOM, 2001, p. 182-183). Contrariando Bloom, tanto Castorp, por meio de suas ações e reflexões, evidencia-nos sua busca de conhecimento paulatinamente tornada consciente, quanto o narrador, por meio de comentários referentes a Castorp, tais quais “com o espírito curioso de quem viaja para se instruir”. (MANN, 1980, p. 641), ou “A personalidade – tinha-se essa impressão – carecia de caráter educador, e contudo, quantas oportunidades não oferecia a quem viajava em busca de formação!” (MANN, 1980, p. 659), ou ainda “com essa mesma curiosidade irrestrita, própria de um viajero ávido de formação” (MANN, 1980, p. 736), reforça a ideia de que a viagem, ainda que acidentalmente, com a quebra de rotinas que lhe é inerente despertou em Hans Castorp a necessidade de transformação interior através da observação atenta do mundo e da busca incansável de conhecimento que o explique em sua dimensão essencial, universal.

A sabedoria cética de Federico Mayol

O narrador de *A montanha mágica* é sabidamente irônico. Ele possui, no entanto, a ironia que Wayne Booth, em *A rethoric of irony*, classifica como ironia estável. Ou seja, o narrador é irônico com relação a determinados conjuntos de valores, mas permite-nos entrever um outro conjunto no qual acredita e que adota como parâmetro de avaliação. Esse narrador, sob tal perspectiva, vê com bons olhos uma trajetória de aprimoramento reflexivo, como a de Castorp, e é também com valores de orientação altruísta que ele, ao ironizar outras correntes mais cínicas, simpatiza. Cabe frisar que não se trata da defesa autoritária de um determinado

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

ponto de vista, o tipo de exposição das variadas perspectivas é dialógico o suficiente para permitir ao leitor que se posicione de acordo com suas convicções pessoais, sem se sentir ideologicamente pressionado. John Krapp, em *History and pedagogic voice in The Magic Mountain*, afirma que o romance não indica nenhum dos pontos de vista como ideal ou exemplar: “‘The’ ideal moral pattern does not exist at all in *The Magic Mountain*. There is no exclusive ethical position to be represented in a target character”. (KRAPP, 2002, p. 37).³ Isso não impede, contudo, em nossa opinião, a existência da simpatia do narrador pelo ponto de vista representado, sobretudo, por Hans Castorp.

Diferente é o narrador de *El viaje vertical*, de Enrique Vila-Matas. Ao nos contar a história de outro viajante acidental, Mayol, a ironia da qual se vale o narrador, Pedro Ribeira, um gerente de hotel da Ilha da Madeira que se interessa pela vida do velho patriota catalão, é muito mais instável (aquela ironia instável a que Booth se refere, em suma): o narrador torna difícil que percebamos o conjunto de valores que, porventura, endossa. Tudo o que apresenta é passível de ironia (seja a “Escola da Vida”, à qual se filia Mayol, seja a cultura erudita, representada por seu filho, Julián, e mais tarde também por Esteves), em atitude bem mais descompromissada e jocosa que a do narrador de *A montanha mágica*. Ao fazer isso, o narrador de *El viaje vertical* parece mimetizar o profundo ceticismo de Mayol. Se Mayol acaba aproveitando, como Castorp, sua viagem vertical de Barcelona a Porto, Lisboa e, por fim, Ilha da Madeira, para ampliar a própria sabedoria – pois, afinal, “*Siempre se aprende algo en los viajes*”. (VILA-MATAS, 1999, p. 102),⁴ o catalão acabará por concluir –, veremos que se trata de sabedoria de outra ordem, fundamentada em uma visão cética da vida. Essa sabedoria cética, por seu turno, pode, por exemplo, ser encontrada, segundo Harold Bloom, em livros bíblicos como o *Livro de Jó* e o *Eclesiastes*.

Antes de nos aprofundarmos na busca, por Mayol, da sabedoria e nas características dessa última, é preciso que o apresentemos: abandonado pela esposa, esse velho e bem-

³ “O padrão moral ideal não existe de modo algum em *A montanha mágica*. Não há posição ética exclusiva a ser representada em um personagem alvo”. (Tradução nossa).

⁴ “Sempre se aprende algo nas viagens”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

sucedido homem de negócios, pai de três filhos, encontra-se diante de um impasse. O que fazer da vida? A separação foi um choque. Afinal, Mayol, conforme o narrador, “*Nunca había pensado que a una edad tan tardía le tocaría tener que empezar de nuevo*”. (VILA-MATAS, 1999, p. 21).⁵ Em meio à crise, quando se questiona sobre a própria identidade, Mayol apresenta-se da seguinte maneira: “*Soy un patriota catalán. Soy un católico que no va a misa. [...] Soy un hombre poco leído pero que sabe pensar por sí mismo*”. (VILA-MATAS, 1999, p. 23).⁶ Nessa definição já aparece uma das questões centrais do romance, e que especialmente há de nos interessar de agora em diante: a instrução deficiente de Mayol, e sua inconformidade com ela.

Mayol deixa Barcelona em direção ao sul por sugestão de amigos. Não é apenas a ex-mulher que deixa para trás. Também fica em Barcelona seu filho caçula, o artista plástico Julián, com o qual tem um relacionamento, para dizer o mínimo, desafiador. Julián não é um pintor brilhante, mas tem carreira própria e muito estudou. A formação cultural do filho incomoda Mayol, como percebemos neste trecho:

Me arrepiento hasta de haberle pagado los estudios a ese pretencioso necio. Ese pobre pintor de pacotilla es un peligro muy grave para mi salud mental. Jamás ha dado muestras de que los libros hayan tenido sobre él ninguno de los efectos beneficiosos que la gente incauta como yo a veces atribuimos a la lectura o a la visita de museos. Ha estudiado y ha visto exposiciones y ha leído cientos de libros, pero la realidad me dice que no ha aprendido nunca nada. (VILA-MATAS, 1999, p. 61).⁷

Na típica atitude da raposa de Esopo diante das uvas, Mayol desdenha justamente o que inveja: a cultura do filho. A lição que extrai da experiência cultural de Julián é niilista: de nada vale leitura, de nada vale frequentar museus. Com isso nada se aprende, disso conhecimento nenhum se extrai, eis a sabedoria cética de Mayol, que se estende, aliás, também às ciências:

⁵ “Nunca havia pensado que em uma idade tardia teria de começar de novo”. (Tradução nossa).

⁶ “Sou um patriota catalão. Sou um católico que não vai à missa. [...] Sou um homem pouco lido, mas que sabe pensar por si mesmo”. (Tradução nossa).

⁷ “grave para minha saúde mental. Jamais dei mostras de que os livros tenham tido sobre ele nenhum dos efeitos Me arrependo até de ter pago os estudos desse pretencioso necio. Esse pobre pintor de araque é um perigo muito benéfico que as pessoas incautas como eu às vezes atribuem à leitura ou à visita a museus. Estudou e viu exposições e leu centenas de livros, mas a realidade me diz que nunca aprendeu nada”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Mayol habría dicho prácticamente lo mismo, pues siempre había pensado – en parte para quitarse cierto complejo de inferioridad por haber ido a la escuela sólo hasta los catorce años – que no valía la pena conocer ciencias y estudiar mucho y llegar a ser una eminencia en ciertas materias que tarde o temprano – con la muerte seguro – se olvidaban. (VILA-MATAS, 1999, p. 65).⁸

Para que estudar, se nossa morte certa implicará o esquecimento total de todo aquele conhecimento que demoramos uma vida inteira para acumular? Ressentido por não haver tido a possibilidade de estudar, Mayol, toda vez que se depara com uma pessoa bem-sucedida devido aos estudos formula uma teoria cética sobre a aquisição do conhecimento por meio da cultura letrada:

Esse día, ante su hijo, Mayol había vuelto a esgrimir esa coartada en la que creía firmemente. Del mismo modo que desconfiaba por completo de los conocimientos de los médicos, estaba seguro – lo había estado siempre – de que en el fondo nadie sabe nada y que, en cualquier caso, casi todas las personas realmente sabias y respetables que había tratado eran aquellas que conocían a fondo la ley de la calle y de la vida. (VILA-MATAS, 1999, p. 66).⁹

O narrador apontará esse desdém aparente pela educação e cultura como o ponto fraco de Mayol após comentar as memórias que o velho catalão faz de discussões que teve com Julián:

Julián había hecho diana en el punto débil – el trauma esencial, lo llaman algunos doctores – de la personalidad de Mayol: la interrupción definitiva, a causa de la guerra civil, de sus estudios; esa interrupción que le había hecho moverse por la vida sintiéndose a veces inferior a mucha gente de su generación que, habiendo podido regresar a la escuela tras la guerra, ostentaban títulos universitarios contra los que Mayol había tenido que combatir abriéndose paso en la vida con la única ayuda de su talento natural de comerciante. (VILA-MATAS, 1999, p. 71-72).¹⁰

⁸ “Mayol teria dito praticamente o mesmo, pois sempre havia pensado – em parte para se livrar de certo complexo de inferioridade por ter ido à escola apenas até os quatorze anos – que não valia a pena conhecer ciências e estudar muito e chegar a ser uma eminência em certas matérias que cedo ou tarde – certamente com a morte – seriam esquecidas”. (Tradução nossa).

⁹ “Esse día, diante de seu filho, Mayol havia voltado a esgrimir esse alibi no qual acreditava firmemente. Do mesmo modo que desconfiava por completo dos conhecimentos dos médicos, estava seguro – sempre estivera – de que no fundo ninguém sabe nada e de que, de todo modo, quase todas as pessoas realmente sábias e respeitáveis com as quais havia tratado eram aquelas que conheciam a fundo a lei das ruas e da vida”. (Tradução nossa).

¹⁰ “Julián havia alvejado o ponto fraco – o trauma essencial, como o chamam alguns doutores – da personalidade de Mayol: a interrupção definitiva, a causa da guerra civil, de seus estudos; essa interrupção que o havia feito

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Que Mayol não pôde estudar é fato. Que esse é seu trauma essencial também não há o que discutir. Mas a viagem que Mayol está empreendendo possibilitará uma solução inusitada para sua insegurança e seu descrédito com relação aos estudos. O prenúncio desse desfecho é a constante menção, da parte do narrador, a Bouvard e Pécuchet, personagens do romance homônimo de Gustave Flaubert. Mayol estava em Funchal, mais precisamente na Rua dos Profetas, quando dele se aproximam dois estranhos senhores. A cena é a seguinte:

De pronto se acercaron a paso lento dos hombres de la edad de Mayol, y uno de ellos le dijo al outro mientras dudabam en sentarse en el mismo banco que Mayol:
- La Ética les aterró com sus axiomas y colorarios... Leyerón sólo los pasajes marcados com un lápiz y entendieron esto, fijate bien: La sustancia es lo que es en sí, por sí, sin causa y sin orden. Esta sustancia es Dios.
- Estás seguro? – le preguntó el outro.
- Pues claro. Él es sólo Extensión, y la extensión no tiene límites. ¿Com qué limitarla? Pero aunque sea infinita, no es lo infinito absoluto, ya que no contiene más que un género de perfección, y lo Absoluto los contiene a todos.
[...]. Para mí que eran dos imitadores de Bouvard et Pécuchet, o bien dos seres de outro mundo. Mayol siempre se negó a aceptar ambas teorías. (VILA-MATAS, 1999, p. 175).¹¹

O narrador, como se vê, supõe que os senhores representavam Bouvard e Pécuchet, ainda mais sabendo que estava em cartaz, na cidade, uma peça teatral com essas personagens. Mayol evidentemente nunca havia lido o romance de Flaubert, tampouco conhecia seu enredo ou personagens, mas, movido por sua sabedoria cínica com relação à cultura (a leitura para nada serve), recusa-se, categoricamente, a aceitar a hipótese do narrador: aqueles não eram Bouvard e Pécuchet e ponto final.

seguir pela vida sentindo-se às vezes inferior a muitas pessoas de sua geração que, tendo podido regressar à escola depois da guerra, ostentavam títulos universitários que Mayol havia tido de combater, abrindo caminho na vida com a única ajuda de seu talento natural de comerciante”. (Tradução nossa).

¹¹ “Logo se aproximaram a passo lento dois homens com a idade de Mayol, e um deles disse ao outro enquanto hesitavam em sentar no mesmo banco que Mayol:

- A Ética os assustou com seus axiomas e colorários... Leram apenas as passagens marcadas com um lápis e entenderam isto, preste bem atenção: A substância é o que é em si, por si, sem causa e sem ordem. Esta substância é Deus.

- Estás certo disso? – o outro lhe perguntou.

- Claro que sim. Ele é apenas Extensão, e Extensão não tem limites. Com o que limitá-la? Mas ainda que seja infinita, não é o infinito absoluto, já que não contém mais do que um gênero de perfeição, e o Absoluto contém a todos eles.

[...]. Para mim eram dois imitadores de Bouvard e Pécuchet, ou antes dois seres de outro mundo. Mayol sempre se negou a aceitar ambas as teorías”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Tempos depois, ainda na Madeira, em uma roda de amigos na qual procurava ansiosamente se enturmar, o assunto Bourvard e Pécuchet retornará de modo surpreendente:

Como la tensión iba en aumento, al Maestro no se le ocurrió mejor cosa que darle la palabra a Mayol, le pidió que hablara del último libro que le había impresionado, confiaba en que la intervención de un tertuliano neutral – no aliado ni con él ni con Toscano – tranquilizara algo los ánimos.

Todas las miradas se posaron en Mayol. Y entonces éste, tratando de salir del paso como fuera, dijo que leía mucho.

- Mucho – dijo -, yo he leído mucho, muchísimo, toda la vida me la he pasado leyendo, amo la cultura – dijo.

-¿Y bien?- dijo el maestro.

- Lo último que he leído y que más me há gustado – dijo Mayol, com una terrible zozobra, temiendo que se descubriera su profunda incultura – es Bouvard et Pecuchó.

Pecuchó, dijo. Todo el mundo se le había quedado mirando, y entonces Mayol cayó en la cuenta *de su error y rectificó a tiempo*.

- *Y Pécuchet – dijo. (VILA-MATAS, 1999, p. 191).*¹²

Cansado de sempre ocupar (principalmente para si mesmo) a posição de inculto, Mayol decide simplesmente, a partir desse instante, passar a simular cultura. A tentativa que vimos acima não foi, é verdade, muito bem-sucedida, visto que Mayol foi incapaz de pronunciar corretamente o nome de uma das personagens de Flaubert – ao invés de Pécuchet, disse Pecuchó. A simulação de cultura, por parte de Mayol, em nada contradiz a sua sabedoria cínica: se finge, é porque acredita mesmo que estudar não vale a pena. Nesse sentido, faz o caminho inverso de Bouvard e Pécuchet. Essas personagens, que também acabarão por representar um ponto de vista cínico com relação à cultura, estudam demais. Tomemos como

¹² “Como a tensão aumentava, ao Mestre não ocorreu nada melhor a não ser dar a palavra a Mayol, pediu-lhe que falasse do último livro que o havia impressionado, acreditava que a intervenção de um interlocutor neutro – não aliado nem com ele, nem com Toscano – tranquilizaria um pouco os ânimos.

Todos os olhares se colocaram em Mayol. E então ele, tratando de sair de qualquer modo, disse que lia muito.

- Muito – disse -, li muito, muitíssimo, toda a vida passei lendo, amo a cultura – disse.

- E então?- disse o mestre.

- O último que li e do qual mais gostei – disse Mayol, com um terrível abatimento, temendo que sua profunda incultura fosse descoberta – foi Bouvard et Pecuchó.

Pecuchó, disse. Todo mundo estava olhando para ele, e então Mayol se deu conta de seu erro e o retificou a tempo. - E Pécuchet – disse”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

exemplo esse trecho do romance de Flaubert, em que Bouvard e Pécuchet estudam, com grande entusiasmo, a arqueologia celta:

Alors Bouvard et Pécuchet se plongèrent dans l'archéologie celtique. D'après cette science, les anciens Gaulois, nos aïeux, adoraient Kirk et Kron, Taranis, Ésus, Nétalemnina, le Ciel et la Terre, le Vent, les Eaux, - et, par-dessus tout, le grand Teutatès, qui est le Saturne des Païens. - Car Saturne, quand il régnait en Phénicie épousa une nymphe nommée Anobret, dont il eut un enfant appelé Jeüd - et Anobret a les traits de Sara, Jeüd fut sacrifié (ou près de l'être) comme Isaac; - donc, Saturne est Abraham, d'où il faut conclure que la religion des Gaulois avait les mêmes principes que celle des Juifs. (FLAUBERT, 2004, p. 100).¹³

Bouvard e Pécuchet estudam incontáveis assuntos das mais variadas áreas, aplicam sem sucesso à vida prática o que pesquisam em teoria para, então, concluir, dedutivamente, aquilo a que Mayol chegará pela via da indução: o que se estuda nos livros não funciona, pois a vida real está totalmente descolada desse universo livresco.

O discurso de Mayol sobre a cultura passa por uma inesperada virada positiva quando ele assiste ao “Coloquio Internacional sobre las Islas y su Mitología”. Participando do Colóquio, Mayol sente-se um verdadeiro universitário:

Pero eso era precisamente lo que a Mayol le hacía sentirse tan bien, pues lo que más le encantaba de lo que estaba ocurriendo en aquel teatro era que podía verse a sí mismo convertido en un universitario, le encantaba poder ser lo que no había podido ser por culpa de una desdichada y estúpida guerra civil, ser un aspirante a licenciarse en una asignatura nada vulgar: la sabiduría de la lejanía. (VILA-MATAS, 1999, p. 210).¹⁴

Mayol, decididamente, não quer se jogar de verdade no mundo da cultura, pois isso implicaria num esforço que ele não está disposto a fazer: ler, ler, ler, destrinchar teorias e linhas de argumentação, armazenar fatos e estabelecer relações pertinentes entre eles.

¹³ “Então Bouvard e Pécuchet se lançaram à arqueologia celta. A partir dessa ciência, os antigos gauleses, nossos ancestrais, adoravam Kirk e Kron, Taranis, Ésus, Nétalemnina, o Céu e a Terra, o Vento, as Águas, - e, acima de tudo, o grande Teutatès, que é o Saturno dos Pagãos. - Pois Saturno, quando reinava na Fenícia, desposou uma ninfa chamada Anobret, com a qual teve uma criança chamada Jeüd – e Anobret tinha os traços de Sara, Jeüd foi sacrificado (ou quase o foi) como Isaac; - Saturno é, assim Abraão, de onde é preciso concluir que a religião dos gauleses tinha os mesmos princípios do que aquela dos judeus”. (Tradução nossa).

¹⁴ “Mas isso era precisamente o que fazia com que Mayol se sentisse tão bem, pois o que mais o encantava de tudo o que estava ocorrendo naquele teatro era que podia ver a si mesmo convertido em um universitário, encantava-o poder ser o que não havia podido ser por culpa de uma desgraçada e estúpida guerra civil, ser um aspirante a se licenciar em uma assinatura nada vulgar: a sabedoria do distante”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Bouvard e Pécuchet, como se viu, liam, mas liam de modo acrítico e não eram capazes de lidar satisfatoriamente com o conhecimento adquirido em tantas leituras. E Mayol, então, o que faz para entrar no tão invejado mundo cultural? A resposta está no trecho seguinte:

Al terminar la conferencia, Mayol se dio cuenta de [...], además, la magia de las palabras y frases sueltas anotadas le estaba permitiendo sintonizar, con una facilidad no esperada, con ese fantasma que le había perseguido desde que a los catorce años tuvo que interrumpir sus estudios: la cultura. (VILA-MATAS, 1999, p. 211).¹⁵

Mais imbuído do que nunca de sabedoria cética, Mayol resolve inventar a roda, ou seja, inventa teorias a partir dos fragmentos de cultura erudita que ouve e, assim, sente-se portador de autêntica alta cultura. O humor de Mayol, diante dessa sua descoberta, só faz melhorar, e as vantagens de tal simulação de cultura para ele são, a cada instante, mais notáveis:

Después, cada vez más invadido por un humor excelente, jugó a verse como una isla inventada [...]. Imaginó el viejo rostro de esa isla cubierto de arrugas [...]. La arruga principal era una señal muy antigua, del tiempo de la guerra; los aures universitarios la estaban transformando en una cicatriz lúdica y muy decorativa, que mostraba lo divertido que a Mayol le parecía estar accendiendo de repente, con alegría y sin disciplina, a la cultura, a una cultura libre y pensada exclusivamente por él y para él. (VILA-MATAS, 1999, p. 213).¹⁶

Uma cultura pensada exclusivamente para ele, entretanto, tem suas desvantagens, devidamente registradas pelo narrador, ao relatar o que Esteves, um dos membros da roda de amigos à qual Mayol tenta se integrar, disse sobre a falsa cultura do catalão:

No me diga que siente curiosidad por saber por qué lo tenía sujeto con una cadena. No, estoy seguro de que le da absolutamente igual. Usted hace bueno ese refrán inglés – lo inventó, supongo – que dice que al que se hace pasar por culto sin serlo hay que darle pan duro, azotes y calabozo. (VILA-MATAS, 1999, p. 232).¹⁷

¹⁵ “Ao terminar a conferência, Mayol se deu conta de que [...], além disso, a magia das palavras e frases soltas anotadas estava permitindo a ele sintonizar-se, com uma facilidade não esperada, com esse fantasma que o havia perseguido desde que aos quatorze anos teve que interromper seus estudos: a cultura”. (Tradução nossa).

¹⁶ “Depois, cada vez mais invadido por um humor excelente, julgou ver a si mesmo como uma ilha inventada [...]. Imaginou o velho rosto dessa ilha coberto de verrugas [...]. A verruga principal era um sinal muito antigo, do tempo da guerra; os aures universitários a estavam transformando em uma cicatriz lúdica e muito decorativa, que mostrava o quão divertido parecia a Mayol estar acendendo de repente, com alegria e sem disciplina, à cultura, a uma cultura livre e pensada exclusivamente por ele e para ele”. (Tradução nossa).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Para Estevez não é nada bonito exhibir o que não se tem de verdade. Mas para Mayol isso pouco importa: não está preocupado com a cultura em si, mas, sim, com o que ela representa socialmente, com o modo como ela serve para identificar positivamente o indivíduo na sociedade. Mayol não quer ficar para trás, e as mudanças que seu pensamento sofre ao longo do romance não são essenciais. Em outras palavras, a sabedoria que Mayol adota para conduzir sua vida permanece a mesma sabedoria cética do começo ao fim de sua viagem: Mayol não acredita na validade real da cultura, ainda que deseje ostentá-la. O que a viagem provoca é uma reestruturação de sua autoimagem: para sentir-se culto e eliminar seu complexo de inferioridade, Mayol inventa cultura fictícia, mas essa invenção só tem efeito para ele mesmo. Como a cultura é por natureza social e compartilhada, as regras que Mayol inventa para a sua cultura imaginária não são conhecidas e, por decorrência, não são aceitas pelos outros. Desse modo, Mayol, que para si mesmo aparece cada vez mais culto e criativo (a criatividade é qualidade autêntica sua), aos olhos do mundo surge como um velho em pleno processo de perda da razão.

Hans Castorp e Federico Mayol, após suas respectivas viagens inesperadas, ingressam em um novo mundo: o da cultura real, no caso de Castorp, adquirida com esforço e dedicação, e o da cultura simulada, no caso de Mayol, criada apenas com o uso da imaginação individual. Ambos encontram, nesse novo mundo, a sabedoria que são capazes de conceber: Castorp, a prudente, e Mayol, a cética. Assim, podemos concluir que as buscas pela sabedoria que as viagens, com suas inescapáveis quebras de rotina, despertam, não são, pelo menos na ficção, jamais idênticas. Elas simbolizam perguntas, e tantas vezes já não se disse que cada personalidade (e, por decorrência, cada personagem) é, em si mesma, uma pergunta diferente?

Referências

¹⁷ “Não me diga que sente curiosidade em saber por que o traziam preso a uma corrente. Não, estou seguro de que isso dá no mesmo. Você dá sentido a esse dito inglês – o inventou, eu suponho – segundo o qual àquele que se faz passar por culto sem o ser precisa receber pão velho, chibatadas e calabouço”. (Tradução minha).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

AQUINAS, Thomas. *Summa contra gentiles* (selections). In: CAHN, Steven M.; MARKIE, Peter (orgs.). *Ethics: history, theory and contemporary issues*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Where shall wisdom be found?* New York: Riverhead, 2004.

FLAUBERT, Gustav. *Bouvard et Pécuchet*. Paris: Gallimard, 2004.

KRAPP, John. History and pedagogic voice in *The Magic Mountain*. In: _____. *An aesthetics of morality: pedagogic voice and moral dialogue in Mann, Camus, Conrad and Dostoevsky*. Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press, 2002.

MacINTYRE, Alasdair. *Three rival versions of moral enquiry*. Encyclopaedia, Genealogy and Tradition. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1990.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MARQUES, Ramiro. *Breve história da ética ocidental*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.

VILA-MATAS, Enrique. *El viaje vertical*. Barcelona: Anagrama, 1999.

WHITHROW, G. J. *O tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.